

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LETRAS- HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/ INGLÊS

LETÍCIA JARA NUNES

POESIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: O EROTISMO CALLONIANO

JARDIM

2016

LETÍCIA JARA NUNES

POESIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: O EROTISMO CALLONIANO

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Licenciatura em Letras com habilitação em Inglês e Português à banca examinadora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Unidade de Jardim, sob orientação da Profª Drª Susylene Dias de Araújo.

JARDIM

2016

LETÍCIA JARA NUNES

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LETRAS- HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/ INGLÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

POESIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: O EROTISMO CALLONIANO

APROVADA EM: ____/____/____

Orientador (a): Prof^a Dr^a Susylene Dias de Araújo

Prof. Me. Patrícia Gressler Groenendal
UEMS/ Jardim

Prof. Me. Jefferson Machado
Barbosa UEMS/ Jardim

FICHA CATALOGRÁFICA

NUNES, Letícia J.

Poesia brasileira contemporânea: o erotismo Calloniano, Letícia Jara Nunes, Jardim: UEMS, 2016.

Bibliografia

Monografia de Graduação – Curso de Letras Habilitação Português- Inglês – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

1. Lírica contemporânea
2. Poesia e erotismo
3. Antônio Calloni

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul a permissão para publicação e reprodução de cópia(s) deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apenas para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoria do trabalho.

Letícia Jara Nunes

À pequena Maria Júlia, minha filha amada.

*“Oh! Sejam pornográficos
(Docemente pornográficos)”*
Carlos Drummond de Andrade

AGRADECIMENTOS

Para a realização deste trabalho de conclusão de curso é imprescindível agradecer a Deus, que com sua bondade me abençoou com muita saúde e que me deu forças para superar as dificuldades até aqui encontradas, e a algumas pessoas, em especial:

- A todos os professores da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - Unidade de Jardim - MS, pela dedicação, atenção e ensinamentos que me confiaram em todos esses anos. Agradeço de forma especial à Professora Doutora Susylene Dias de Araújo, orientadora dessa pesquisa, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube e por suas correções e incentivo.

- À minha filha amada, Maria Júlia: presente de Deus, motivo para eu chegar à conclusão do curso de graduação.

- Ao meu companheiro Maycon: pela compreensão nas horas de ausência pela busca do conhecimento. Te amo!

- Aos meus pais, Salustiana e Luiz: a ela por todas as suas orações voltadas a mim, pela ajuda sempre que preciso e por ser a maior incentivadora do meu progresso; a ele pela dedicação e estímulo aos estudos.

- Ao meu irmão Luiz Felipe por ser uma pessoa maravilhosa e meu pequeno incentivador.

- À minha tia Giani, pelo apoio e dedicação.

- Aos meus avós Venâncio Jara (em memória), Thomazia Bogado; Cleuza Nunes e Dirceu Nunes: grandes pessoas, meus exemplos de perseverança e fé.

- Às queridas amigas e comadres Rubia e Danieli: por nossa trajetória e amizade verdadeira.

- Aos meus sogros, Rosimare e Ademir, pelo incentivo.

E finalmente a todos os colegas da graduação, principalmente ao Arcírio, a Rubiamara Narvaez e a Cláudia Uchôas, por terem vivenciado comigo momentos que jamais serão esquecidos.

RESUMO

Esta monografia de conclusão de curso apresenta como objeto de análise quatro exemplares da poesia do poeta Antonio Calloni, nomeadas por: *A rosa do oriente*, *A louca de longe*, *A que mora no escuro* e *O homem permeável à luz*, publicadas na edição do livro *Os infantes de dezembro* publicado pela Bertrand Brasil em 2000. Pertencentes ao conjunto da poesia brasileira contemporânea, esses poemas são caracterizados pelas estruturas da lírica moderna e dialogam entre si por uma temática comum: o erotismo. Considerando a linguagem pela qual o poeta opta para a escrita dos poemas, nosso trabalho evidencia momentos de emoção e delicadeza do melhor da poesia Calloniana, conforme demonstraremos.

Palavras- chave: Poesia Brasileira Contemporânea; Antonio Calloni; Lírica moderna; Erotismo.

ABSTRACT

This course conclusion monograph presents as poetry quadruplicate analysis object of the poet Antonio Calloni, named by The Pink east, Crazy by far the living in the dark and Man permeable to light, published in the book edition infants December published by Bertrand Brazil in 2000. Belonging to the whole of contemporary Brazilian poetry, these poems are characterized by structures of modern lyrical and interact with each other by a common theme: eroticism. Whereas the language in which the poet chooses to writing poems, our work shows moments of emotion and delicacy of best of Calloniana poetry, as we will demonstrate.

Key words: Brazilian Contemporary Poetry; Antonio Calloni; modern lyrical; Eroticism.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	11
CAPÍTULO 1 - A LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	12
1.1 A poesia brasileira contemporânea.....	12
1.2 Antonio Calloni: “o dono da pequena loja de poesias”.....	15
1.3 A obra “Os infantes de Dezembro”.....	16
CAPÍTULO 2 - APONTAMENTOS SOBRE A LÍRICA CONTEMPORÂNEA.....	18
2.1 Conceito de poesia e poema.....	18
2.2 Característica da lírica moderna.....	19
CAPÍTULO 3 - ANTONIO CALLONI E A EROTIZAÇÃO POÉTICA DA FIGURA FEMININA.....	23
3.1 A mulher como temática na poesia.....	23
3.2 O erotismo na literatura.....	25
3.3 “A rosa do oriente”.....	26
3.4 “A louca de longe”.....	27
3.5 “A que mora no escuro”.....	29
3.6 “O homem permeável à luz”.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS	39

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho propõe, como objetivo geral, uma apresentação de conceitos de poesia, poema e sobre o termo contemporâneo. Diante da perspectiva da lírica moderna, aborda características que permitem além de identificar seus aspectos particulares, dar suporte teórico para a parte interpretativa da pesquisa. O recorte vem da análise de quatro poemas assinados pelo poeta contemporâneo Antonio Calloni, selecionadas do livro “Os infantes de dezembro” de 2000.

Para organizar as ideias, dividimos o texto em três capítulos: o primeiro, faz algumas considerações sobre a poesia brasileira contemporânea, fala sobre a biografia do poeta Antonio Calloni e um pouco sobre sua obra.

No segundo capítulo apresentamos o conceito sobre poema e poesia a partir de teorias e dissertar sobre as características da lírica moderna.

A parte final do trabalho, compreendida pelo terceiro capítulo, apresenta uma análise interpretativa de quatro poemas selecionadas de “Os infantes de Dezembro” do poeta Antonio Calloni, intitulados *A rosa do oriente*, *A louca de longe*, *A que mora no escuro* e *O homem permeável à luz*, e aproximados pela temática do erotismo.

O campo de estudos sobre a poesia erótica brasileira é amplo, mas os livros de Calloni não são nem de perto considerados um cânone da literatura brasileira contemporânea, portanto nosso trabalho contribuirá com a divulgação da obra do poeta.

CAPÍTULO 1

A LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Para introduzir embasamento ao presente trabalho, este capítulo busca elucidar sobre a poesia brasileira contemporânea e está embasado nas considerações de Alfredo Bosi (1994) e Gilberto Mendonça Teles (1973). Outro destaque do capítulo será abordar a biografia do poeta brasileiro Ezigio Antonio Calloni e focar seu trabalho nas letras, além de apresentar sua produção como ator – seus trabalhos de destaque, cursos e novelas.

1.1 A poesia brasileira contemporânea

A poesia brasileira já passou por muitas mudanças ao longo dos últimos séculos e essas mudanças ainda são constantes. Entretanto não é de um dia para o outro que se instaura um grande movimento, trata-se de um processo histórico e social. A partir de 1922 a concretização da poesia moderna deu um grande salto em nome da autonomia da literatura e da arte para o país.

Segundo Bosi (1994) a Semana da Arte Moderna:

[...] foi, ao mesmo tempo, o ponto de encontro das várias tendências que desde a I Guerra se vinham firmando em São Paulo e no Rio, e a plataforma que permitiu a consolidação de grupos, a publicação de livros, revistas e manifestos, numa palavra, o seu desdobrar-se em viva realidade cultural. (BOSI, p. 340, 1994).

Conforme percebemos, novas tendências, publicações, encontros em prol da arte e literatura, troca de ideias e ideais e muitos outros movimentos marcaram a semana de 1922 como forma de enriquecer a cultura brasileira. Gilberto Mendonça Teles (2009) afirma que Graça Aranha chegou ao Brasil no ano de 1920, mais precisamente no mês de outubro, já trazendo novas tendências e começando seus trabalhos para com a modernidade. O autor estava tão ligado com o movimento, que o nome “Semana da arte moderna” foi intitulado pelo próprio:

O certo é que Graça Aranha se colocou no centro do movimento cujo ponto principal foi a realização da Semana da Arte Moderna, nos dias 13,15 e 17 de fevereiro de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo. A Semana foi aberta com a conferência de Graça Aranha (“A emoção estética na arte moderna”), a que se seguiram números de música e declamações [...] (Teles, p. 410, 2009).

Como as ideias estéticas da poesia e da arte em seu todo estavam sendo substituídas por novas ações, TELES (2009) destaca a má aceitação do público da Semana, e relembra as vaias no evento, uma reação de repúdio ao novo e inesperado. Além de Graça Aranha temos como precursores de traços modernos, quando falamos ou ouvimos falar em poesia no Brasil, nomes como os de Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, entre outros.

Esses poetas, deram início à modernidade das obras, tanto literárias, quanto artísticas do Brasil. BOSI (1994), destaca que nem tudo que antecipou os traços modernos em 1922, foi modernista, e nem tudo que foi considerado modernista, hoje parecerá moderno. (p. 331). Nessa mesma direção, Gilberto Mendonça Telles afirma que:

[...] porquanto se é verdade que chegou a existir uma comutação de ideias e valores, a ruptura com o passado, como já podemos hoje deduzir, foi mais ou menos aparente, permanecendo a mesma essência cultural, apenas, é claro, enriquecida e dinamizada. Toda a grande contribuição da revolução literária de 1922 pode-se, portanto, resumir-se nestes dois aspectos: abertura e dinamização dos elementos culturais, incentivando a pesquisa formal, vale dizer, a linguagem; ampliação do ângulo óptico para os macro e microtemas da realidade nacional, embora essa ampliação se tenha dado mais exatamente na linguagem, elevando-se o nível coloquial da fala brasileira à categoria de valor literário, fato que não havia sido possível na poética parnasiano-simbolista da época, impregnada de exagerado vernaculismo. (Teles, p. 411, 2009).

Portanto, embora o modernismo promovesse a ruptura com o passado, conservou-se a essência cultural, considerando a mudança significativa na linguagem, adequando-a para a realidade nacional, agregando valor à literatura brasileira, deixando de lado estrangeirismos que antes empregados pelos parnasianos-simbolistas.

Esses novos rumos artísticos que ocorreram na década de 20 reuniram e englobaram produções em um conjunto de características de várias escolas literárias, formando novas tendências que inovaram junto com os movimentos e manifestos surgidos durante o decorrer dos anos. Manifestos que prezavam o nacionalismo, tais como o “Manifesto da poesia Pau- brasil – Oswald de Andrade de 1924”, o “Manifesto Regionalista de 1926 à 1952”, entre outros, contendo em cada um características peculiares e específicas, declaravam a independência da arte do Brasil e a ruptura do estrangeirismo exagerado. Desde então, a arte brasileira vem sendo chamada pelo nome ‘contemporâneo’.

A contemporaneidade abre ala para dúvidas em relação ao sentido de seu conceito, afinal, o que seria o contemporâneo? Quando é possível definir o começo da contemporaneidade da poesia brasileira? Até porque o que hoje é chamado de contemporâneo, “ontem” foi chamado de moderno. “Com. tem. po. rã. ne:o [Lat.contemporaneu.] adj.sm. Que, ou aquele que é do mesmo tempo, ou do nosso tempo; coevo, coetâneo.”, assim encontramos o sentido do termo em uma busca simples pelo dicionário. (Aurélio, p. 194, 2010). Ou seja, um novo que é do nosso tempo, desse tempo que passa, fazendo com que esse novo já não seja mais tão novo e fazendo surgir outros novos sentidos. Isso é chamado de contemporaneidade. .

Teoricamente, a contemporaneidade para Agamben “[...] é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias, mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo.” (AGAMBEN, P. 59, 2009)

Segundo BOSI (1994) o termo contemporâneo pode trair a geração que o emprega, que historiadores precisam justificar e batizar com datas o tempo, assim como a *semana de 22*. Qual seria a próxima “semana” marcante para a poesia brasileira seguindo esta linha de pensamento? Tópicos e temas são o que não faltam no Brasil para tal questão.

Após o decênio de 1930, BOSI (1994) destaca que o Brasil saia do Modernismo e assumia suas tendências contemporâneas, “Somos hoje contemporâneos de uma realidade econômica, social, política e cultural que se estruturou depois de 1930.” (BOSI, p. 383, 1994). Essa atualização de conceitos, dá-se pela inquieta e constante mudança de tudo que nós vivemos, da nossa política, da economia, ou seja, da realidade em que estamos envolvidos, e contudo, a arte vai seguindo este propósito

de se adequar à novos pensamentos e em consequência, atualiza também o meio artístico brasileiro.

Se hoje estamos vivendo no momento em que ocorre a poesia brasileira contemporânea, podemos contar com inúmeros autores, sendo eles anônimos ou já reconhecidos pelo que expressaram. E nesse conjunto de autores e poetas, podemos contar com um que também ator: Ezigio Antônio Calloni, cuja biografia apresentamos no próximo tópico.

1.2 Antonio Calloni: “o dono da pequena loja de poesias”

Em entrevista à Marília Gabriela, conhecida apresentadora de programas na televisão brasileira, o autor Antonio Calloni declarou que foi alfabetizado em italiano, fato ao qual atribui sua intensidade e emotividade. Em sua biografia, segundo o site brasileiro epipoca.com, os dados apontam que Calloni, como é conhecido, nasceu em São Paulo, dia 06 de Dezembro de 1961. Dessa forma, apresenta o artista a partir de sua dupla cidadania como um ítalo-brasileiro. Sua paixão pela arte o levou primeiramente aos palcos, interpretando obras teatrais, começando a atuar em 1978, mas foi em 1980 que Calloni começou a estudar teatro, foram três anos de estudos. Fez estreia na televisão em 1980 com a novela “Hipertensão” e no mesmo ano, conquistou o público com a minissérie “Anos Dourados”, interpretando o personagem Claudionor.

Segundo o site pessoal do autor antoniocalloni.com no item “entrevistas” há uma entrevista concedida ao Site da Papyrus Editora – Sala de Imprensa, no qual, Calloni conta que começou interessar-se por poesia aos 13 anos, quando fez uma viagem para a “Itália” e na volta quis homenagear a vila em que seu pai nasceu. O autor ainda menciona seu interesse em falar sobre os mais ignorantes da vila e sem ser grosseiro, mas usando as próprias palavras, organizou as ideias poeticamente, o que o faz lembrar até hoje da felicidade que sentiu ao ver a emoção de seu pai e sua mãe ao lerem o poema.

Nessa mesma entrevista, o escritor diz que gosta de reler poesias e tem como influências e referência literárias a poesia Manoel de Barros e Manuel Bandeira e com os contos, recorre à Clarice Lispector e Guimarães Rosa, e por último, na ficção de Graciliano Ramos. Calloni diz que é mais fácil conhecê-lo pela sua escrita do que

pelo seu trabalho como ator, e acrescenta que “A alma do ator é seu corpo. O corpo do escritor é sua alma” (CALLONI, cf. www.antoniocalloni.com.br)

Abaixo, segue a transcrição de uma carta recebida de Manoel de Barros o grande ídolo poético de Antonio Calloni:

Caro poeta Antonio Calloni,
Campo Grande, 20.9.97

Muito obrigado pelo presente do Entorta Garfos. Até que a sua mágica vem mais de descobrir a poesia do cotidiano do que de fazer mágicas em metáforas e outros tropos. Sua linguagem é muito sua, não emprestou de ninguém. Reparo que você não caiu no mundo das imagens. Sua poesia vem natural. Vem de uma aguda percepção da nossa mais vulgar vivência. O poeta entra para descobrir a poesia que anda nas menores coisas. É uma autêntica poesia da vida comum, feita com linguagem própria, legal, sem pose, sem sofisticação. Toda a sua poesia se encaixa na vida comum que ainda é muito mais mágica do que entortar garfos. Difícil é descobrir essas mágicas embutidas coisas nas comuns da vida. E isso você descobre em cada poema. Gosto muito de Histórias de amor em cinco formas, Nove segundos de inocência, O pato branco. Gosto de tudo. Meus parabéns. Um fraterno abraço do
Manoel de Barros

De acordo com as palavras transcritas na carta de Manoel de Barros, percebemos que Antonio Calloni presenteia Manoel com a poesia “Entorta garfos” presente no livro *Os infantes de Dezembro*, e diante da leitura dos poemas de Calloni, Manoel afirma o poeta contemporâneo tem uma linguagem muito pessoal, não emprestou de ninguém, e que ele poetiza com as menores coisas, e que é difícil perceber essas mágicas em coisas comuns. Manoel de Barros ainda termina a carta, nomeando a poesia que agrada seu gosto.

1.3 A obra “Os infantes de Dezembro”

Os infantes de Dezembro é a primeira obra do versátil Antonio Calloni. Escrito em 1999 e publicado no Rio de Janeiro pela Bertrand Brasil, o livro surpreende com poemas não acanhados e escancarados sobre as memórias de um infante de dezembro, que se comporta como um menino vigoroso, “vestido de homem” com a masculinidade pulsando desejo. Também fazem parte de sua literatura as obras: A

ilha de sagitário (2000); Amanhã eu vou dançar novela de amor (2002); O sorriso de Serapião e outras gargalhadas (2005); Paisagem vista do trem (2008); Travessias singulares (2008); Escrevinhações de Samuel, o eterno (Impressões, fragmentos, tormentos e alguma poesia) (2010); João Maior Do Que Um Cavalo e Maria Menor Do Que Um Burro (2011) e por último, 50 anos inventados em dias de sol (2014).

Em seus poemas o ator tenta passar para os leitores emoção, paixão, inocência, provocação, entre outros sentimentos. Em entrevista para o site da Papyrus editora (09/2008) o poeta fala sobre seu interesse em escrever poesia:

Deve haver alguma razão biológica para a necessidade de escrever poesia. Quando eu entorto um fato, uma imagem, um sentimento, um fragmento através da poesia, me lembro de quando eu era criança e esmagava pintinhos na granja do meu pai só para ver o que eles tinham por dentro, como é que eles funcionavam. Escrever poesia talvez seja uma tentativa, às vezes até mais cruel, de ver como a vida funciona (Calloni, 2008).

Fica evidente nessa entrevista que o autor coloca o fato escrever poesia como se fosse necessidade, e acrescenta que escrever poesia seja uma tentativa de perceber como a vida funciona.

CAPÍTULO 2

APONTAMENTOS SOBRE A LÍRICA CONTEMPORÂNEA

Este capítulo objetiva dissertar sobre conceito de poesia e poema e destacar as características e estruturas da lírica contemporânea, apresentar conceitos de poesia e mostrar que à medida que o tempo passa, os poemas ficam cada vez mais representativos de movimentos culturais de um país no decorrer dos anos.

2.1 Conceito de poesia e poema

No primeiro capítulo desse trabalho monográfico, tentamos esclarecer os sentidos do termo *contemporâneo* e sobre a vida e a obra de Antonio Callonio. Agora, encaminhando procedimentos de análise poética, passamos a refletir sobre a *poesia*. Segundo LYRA (1986) São muitas as tentativas para uma definição universal de poesia e poema, instâncias que já foram tratadas de maneira semelhante ou distintas. Entretanto, Lyra afirma que poesia e poema são diferentes.

[...] o poema é, de modo mais ou menos consensual, caracterizado como um texto escrito (primordialmente, mas não exclusivamente) em verso. A poesia, por sua vez é situada de modo problemático em dois grandes grupos conceituais: ora como uma pura e complexa substância imaterial, anterior ao poeta e independente do poema e da linguagem, e que apenas se concretiza em palavras como conteúdo do poema, mediante a atividade humana; ora como a condição dessa indefinida e absorvente atividade humana, o estado em que o indivíduo se coloca na tentativa de captação, apreensão e resgate dessa substância no espaço abstrato das palavras. (Lyra, P. 6/ 7, 1986).

Conforme percebemos, Lyra coloca que o poema é o texto escrito, e a poesia ele apresenta em dois grupos conceituais, o primeiro que ela se apresenta como uma substância imaterial que antecede o poeta e independe do poema, e a segunda como condição da atividade humana, como um resgate da *substância* nas palavras.

O poema se completa com a poesia, mesmo que nem todos os poemas sejam dotados de poesia. Segundo PAZ (1956) paisagens e pessoas são poesias sem poemas. É no poema em que o homem encontra-se com a poesia:

O poético é poesia em estado amorfo; o poema é criação, poesia que se ergue. Só no poema a poesia se recolhe e se revela plenamente. É

lícito perguntar ao poema pelo ser da poesia, se deixamos de concebê-lo como uma forma capaz de se encher com qualquer conteúdo. O poema não é uma forma literária, mas o lugar de encontro entre a poesia e o homem. O poema é um organismo verbal que contém, suscita ou emite poesia. Forma e substância são a mesma coisa. (PAZ, p. 17, 1956).

Definir o estético da poesia moderna não é uma tarefa fácil, pois o mundo de hoje se apresenta de várias formas, e com pensares diferentes até em um mesmo lugar. Na poesia moderna “A magia de sua palavra e seu sentido de mistério agem profundamente, embora a compreensão permaneça desorientada.” (FRIEDRICH, p. 15, 1978) A mistura de temas e sentimentos aguça ainda mais a incompreensibilidade imediata da poesia, ora por suas palavras de formatação exóticas, ora pelo misterioso sentido da “mensagem”. Melhor dizendo, “A poesia pode comunicar-se, ainda antes de ser compreendida.” (T. S. Eliot apud FRIEDRICH, p. 15, 1978)

Concluimos então que o poema é um objeto empírico e a poesia fica em trânsito entre o abstrato e o concreto. Então, em resumo, o poema é parte da razão, aquilo que está ali, em si mesmo, não ultrapassando o que está escrito. E a poesia está para a emoção, vai além do que está escrito, está presente em cada um daquilo que se vê do poema.

2.2 Característica da lírica moderna

Essa luta entre o “tudo” e o “nada” da compreensão combinada com a fascinação, segundo FRIEDRICH (1978), é chamada de dissonância, que gera a desordem e causa inquietude. A lírica contemporânea quer a liberdade da incompreensão e conduz o leitor para um possível entendimento, isto é, se ela for sensível a sua realidade.

A relação do autor com sua poesia é ao mesmo tempo próxima e distante, pois ao escrever um poema ele desempenha seu papel de escritor e age como um representante do mundo que vive, pois cada um poetiza como se deve. E quando fala do artista, na poesia moderna, Friedrich observa:

Este não mais participa em sua criação como pessoa particular, porém como inteligência que poetiza, como operador da língua,

como artista que experimenta os atos de transformação de sua fantasia imperiosa ou de seu modo irreal de ver num assunto qualquer, pobre de significado em si mesmo (FRIEDRICH, p.17, 1978)

O requinte que a modernidade traz à poesia expõe em cada frase o apreço pelas palavras, fazendo um jogo no qual misturam-se delicadeza e mistério resultando em sensibilidade:

O desconcertante de tal modernidade é que está atormentada até a neurose pelo impulso de fugir do real, mas se sente impotente para crer ou criar uma transcendência de conteúdo definido, dotada de sentido. Isto conduz os poetas da modernidade a uma dinâmica de tensão sem solução e um mistério até para si mesmos. (FRIEDRICH, p. 49 1978).

De acordo com as ideias de FRIEDRICH (1978), ao escrever o poeta foge de si e não fica preso apenas ao seu eu. O poeta imprime em palavras, significados e sentidos até alheios aos seus, talvez esse seja o mistério presente. A palavra que surge equivale a um signo simples e despercebido, cujo significado é a poesia.

A palavra, finalmente em liberdade, mostra todas as suas entranhas, todos os seus sentidos e alusões, como um fruto maduro ou como um foguete no momento de explodir no céu. O poeta põe em liberdade a sua matéria. O prosador, aprisiona-a. (PAZ, p. 26, 1982).

Isso confirma o que Antonio Calloni declarou para a jornalista e escritora Ilse Garro, autora do 'texto de apresentação da obra *Os infantes de Dezembro*.

Gosto da poesia que eu concordo, mas gosto mais daquela que tem concordamento torto... aquela que desmente, me tira do vício e me trata como criança... Gosto daquela que me cutuca nas costas e quando eu me viro pra ver, ela já se foi, rindo da minha cara de urso..." (CALLONI cf. www.antonioalloni.com.br)

São vários os elementos para se analisar um poema e dele não extraímos somente seu significado:

A história e a biografia podem dar a tonalidade de um período ou de uma vida, esboçar as fronteiras de uma obra e descrever, do exterior, a configuração de um estilo; também são capazes de esclarecer o

sentido geral de uma tendência e até desentranhar o porquê e o como de um poema (PAZ, p. 19, 1982).

Na lírica moderna vemos a retomada da subjetividade com a valorização da primeira pessoa o que ocasiona o destaque do biográfico e do autobiográfico. O poeta escreve aquilo que cabe a si mesmo e também sobre sua realidade, considerando a leitura do leitor, que tem função de participante.

Outra mudança que reflete no ato de poetar refere-se à linguagem presente no poema moderno. Todos os dias afloram no nosso idioma palavras para o enriquecê-lo ainda mais, e a forma de poetizar não ficaria de lado. “O homem é um ser que se criou ao criar uma linguagem. Pela palavra, o homem é uma metáfora de si mesmo” (PAZ, p. 42, 1986).

FRIEDRICH (1978) diz que a comparação e a metáfora são os meios mais antigos da poesia, mas que são utilizados de uma nova maneira, evitando o termo de comparação natural e mostrando força da união irreal e real:

“Com isto, concorda o fato de que um conceito fundamental dos teóricos modernos diz: surpresa, estranheza. Quem quer causar estranheza, surpreendendo, tem de valer-se de meios anormais” (FRIEDRICH, p. 18, 1978).

Isso nos faz compreender o fato da beleza reversa que transforma o que era considerado ‘feio’ ou bizarro para causar a surpresa, bem como a rejeição da tradição. O poeta moderno não se preocupa com a forma estética e nem em seguir sempre o mesmo tema. Tudo que ele vive pode estar sujeito a transformar-se em poesia, pois o poeta estende:

“[...] do sórdido ao sublime, da máxima negatividade à máxima atração, cobrindo toda realidade do Universo, natural e cultural. E tudo resgatado pelo poeta – que o capta, processa-o e objetiva-o no poema” (LYRA, p. 76, 1986).

O poeta não se prende em uma linha de pensamento, no poema ele pode ir de um extremo a outro.

Sobre as rimas na poesia moderna, estas nunca foram deixadas de lado. Porém são utilizadas com mais liberdade, segundo Antonio Candido:

No Modernismo, a rima nunca foi abandonada. Mas os poetas adquiriram grande liberdade no seu tratamento. O uso do verso livre, com ritmos muito mais pessoais, podendo esposar todas as inflexões do poeta, permitiu deixá-la de lado. No verso metrificado, ela foi usada ou não, e pela primeira vez pode se observar na poesia portuguesa o verso branco em metros curtos. Na segunda fase do Modernismo houve um retorno do seu uso, com mais frequência, mas conservou-se a liberdade de sua combinação. De modo geral, a poesia moderna se apoia mais no ritmo do que na rima, e esta aparece como vassala daquele (CANDIDO, p.40, 1996).

Tais fragmentos de CANDIDO (1996) confirmam o fato de que o poeta moderno usa mais o ritmo do que a rima e imprime o seu próprio ritmo, que consiste em:

Quando lemos um verso, e sobretudo um poema completo, o que nos fere imediatamente a atenção não são as sonoridades específicas dos fonemas, que só aparecem quando de certo modo destruimos o verso pela análise fonética o que aparece e o movimento ondulatório que caracteriza o verso e o distingue de outro: este movimento e o ritmo. (CANDIDO, p. 43, 1996).

Conforme o pensamento de CANDIDO (1996) na lírica moderna, não são as sonoridades específicas dos poemas que nos chamam atenção, elas só aparecem pela análise fonética. O que nos desperta na verdade, são os movimentos ondulatórios, que caracterizam o ritmo do poema.

A seguir, no terceiro capítulo apresentamos aspectos sobre a mulher como temática na poesia, e também sobre o erotismo na literatura. A partir desse embasamento apresentamos quatro poemas do poeta contemporâneo Antonio Calloni, no qual destacamos elementos que condizem com as características da lírica moderna.

CAPÍTULO 3

ANTONIO CALLONI E A EROTIZAÇÃO POÉTICA DA FIGURA FEMININA

Este capítulo apresenta a análise interpretativa de poemas selecionados do livro “Os infantes de Dezembro” do poeta Antonio Calloni. Publicado pela editora Bertrand Brasil em 2000 e apresentado pela jornalista, escritora e esposa do autor, Ilze Rodrigues Garro, *a obra é composta por um tipo de poética que transcorre num fluxo contínuo de emoção aguda e mescla nudez e a profunda delicadeza, ainda que tenha inocência.* GARRO (2000). Com essa apresentação, nos vemos diante de um conjunto de poemas nos quais a lírica moderna resulta no bom trato com as palavras, conforme demonstramos em nossos tópicos de análise:

3.1 A mulher como temática na poesia

Na literatura a mulher é como uma fonte de inspiração. É tratada desde a musa do amor até um objeto, e isso desde os primeiros períodos literários. Sua representação varia entre esses períodos e pelas configurações dos diferentes períodos da historiografia literária.

Segundo MASSAUD MOISÉS (1978) em seu livro *A Literatura Brasileira através dos textos*, a imagem feminina tem sido temática constante entre nossos principais escritores. O barroco inicia em 1601 que tenha como influência Camões e escritores castelhanos, este movimento termina em 1768. Nesse período “inicia-se uma fase de conflitos humanos em que não se sabe o que prevalece, se é a força do homem ou a força de Deus.” (SOUZA, p. 30, 2005).

A apresentação da personagem feminina é representada por sua beleza, como na lírica de Gregório de Matos: “/Não vi em minha vida a formosura./ Ouvia falar nela cada dia;/ E ouvida, me incitava e me movia/ A querer ver tão bela arquitetura./” (MATOS, 1943 apud MOISÉS, p. 39, 1978). O arcadismo teve início em 1768 e desenvolveu-se de 1836. As obras desse período deram início à uma espécie de revolução romântica que teve como destaque nomes como os de Tomás Antonio Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa, Silva Alvarenga, entre outros.

/Não sei, Marília, que tenho./ depois que viu o teu rosto,/ pois quando não é Marília/ Já não posso ver com gosto./ Noutra idade me alegrava,/ até quando conversava/ com o mais rude vaqueiro:/ hoje, ó bela, me aborrece/ indo o trato lisonjeiro/do mais discreto pastor./ Que efeitos são os que sinto?/ Serão efeitos do amor?/ (GONZAGA, 1942 apud MOISÉS, p. 64/ 65, 1978).

No fragmento acima, o poeta exprime livremente seu sentimento amoroso e rompe o intuito clássico de retratar a perfeição da natureza, pois se dá conta da beleza da mulher amada e coloca pela primeira vez a sinceridade para referir-se a ela. O Romantismo é o movimento literário que decorre ao longo do século XVIII. Esse movimento, firma-se em 1836 com a obra *Suspiros Poéticos e Saudades* de Gonçalves de Magalhães, e conta com muitos outros poetas, tais como Gonçalves Dias, José de Alencar, entre outros.

/Enfim te vejo! – enfim posso,/ Curvado a teus pés, dizer- te,/ Que não cessei de querer- te,/ Pesar de quanto sofri./ Muito penei! Cruas âncias,/ Dos teus olhos afastado,/ Houveram- me acabrunhado/ A não lembrar me de ti!/ (DIAS, 1959 apud MOISES, p. 109, 1978).

No Romantismo destaca-se a presença muito forte do “eu” do poeta, que exprime a perfeição na pessoa amada com emoção, pois um dos temas que se destacava era o amor. “Inovadores, os autores buscavam, por meio de suas palavras, valorizar algo que fosse tipicamente nacional: a pátria, a natureza e o índio, além do amor e da religião” (SOUZA, p. 36, 2005). Outra característica também, é a mulher e o amor idealizados.

A partir da caracterização da representação da mulher nesses períodos da literatura brasileira, percebemos que a mulher sempre está presente na literatura, como personagem, ou como autoria. Na contemporaneidade:

Percebe-se que o idealismo é abandonado e abre-se espaço para pesquisa do real e para uma análise introspectiva do ser humano. As personagens analisadas representam as classes média e baixa. O resultado de todos esses fatores é que as mulheres-personagem aparecem mais próximas da condição real da mulher, de sua humanidade. Observou-se ainda que a literatura mostra uma superação da dependência da mulher em relação ao trabalho e às relações interpessoais, muito embora, nos romances, essas questões ainda sejam apresentadas sob uma ótica masculina. (SOUZA p. 72, 2005).

Sob a ótica masculina, no caso dos poemas aqui analisados, a mulher é idealizada e vista como símbolo de beleza. Os poemas de Calloni, promovem uma espécie de volta ao Romantismo, período este em que a figura feminina destacava-se. Mais uma vez, as mulheres em cena, revelam-se por temas como o erotismo, conforme destacaremos.

3.2 O erotismo na literatura

O termo Erotismo vem de Eros que representava o amor, divindade cruel, filho da deusa Afrodite. Segundo OCTAVIO PAZ (1993) Eros apaixonou-se por Psiquê, uma jovem mortal que é a personificação da alma. E após se casarem, Eros (amor) e Psiquê (alma) representavam a união entre o amor e a alma. O tema Erotismo então advém do nome dessa divindade. Geralmente o erotismo é um tema que acompanha as discussões sobre o sexo, nas artes e na literatura. A esse respeito, Ítalo Calvino pontua:

[...] a escrita do sexo torna-se sempre mais difícil. Se numa sociedade dominada por tabus, preconceitos e rigores, o sexo foi para a literatura um grande símbolo de conhecimento, de contato com a realidade, de verificação existencial [...] (CALVINO, p. 13, 1961)

Na literatura o erotismo aparece desde os tempos mais remotos, desde os textos bíblicos. Pegamos como exemplo um texto do livro *Cântico 7, versículos do 7-10*:

Como você é bela,/ como você é formosa,/ que amor delicioso!/ Você tem o talhe da palmeira,/ e seus seios são cachos./ E eu pensei: “Vou subir a palmeira/ para colher dos seus frutos!/ Sim, seus seios são cachos de uva,/ e o sopro das suas narinas perfuma/ como o aroma das maçãs./ Sua boca é um vinho delicioso/ que se derrama na minha,/ molhando-me lábios e dentes. (BÍBLIA SAGRADA, 1991)

Quando a erotização toma conta do texto, o que percebemos é a utilização de uma linguagem suave, metaforizada: “O erotismo é sexualidade transfigurada: metáfora. A imaginação é o agente que move o ato erótico e o poético. É a potência que transfigura o sexo em cerimônia e rito e a linguagem em ritmo e metáfora”. (PAZ,

p. 12, 1993). Como podemos perceber pelo comentário de Octávio Paz, o erotismo na literatura é leve e não está relacionado com o sexo explícito ou com o pornográfico, e para marcar sua delicadeza na linguagem, o poeta recorre à metáfora.

Nesse capítulo, nossa intenção, resulta na análise de quatro poemas de Antonio Calloni, nomeados por: *A rosa do oriente*, *A louca de longe*, *A que mora no escuro*, *O homem permeável a luz*, presentes no livro “Os infantes de Dezembro”. Abordar a poética de Antonio Calloni em uma análise exige uma leitura minuciosa, pois estamos falando de um autor estreante na literatura, ainda que tenha começado a escrever aos 13 anos de idade, quando aventurou-se por seu primeiro poema. O erotismo na poesia Calloniana pauta-se na recorrência à sexualidade, à paixão e ao desejo, temas abordados com extrema delicadeza e no fino trato com as palavras.

3.3 “A rosa do oriente”

“A rosa do oriente
Maria mostrou a João
a rosa do oriente.
Brincaram de tempo- será (outro nome de
esconde- esconde).
E molharam- se de cheiro e nudez.
Dedos intrometidos, ciência petiz.

Rosa do oriente,
charada feminina de preparação caseira...

Cresceram em corpo e tempo, a Maria e o João.
Menarca chorou de Maria e
uma cigarra disse primeiras coisas com ardência na voz.

Terra deu começo a um verme colorido.
Tinha engenho de ataque entre as pernas,
o João,
e um lobisomem furioso, desaprumado,
bailava na sua cintura.
Deitaram- se os dois

em cama secreta, o lobisomem
e a menina
das flores rubi.

Agora mulher de mil ventres.

Agora homem que
vira menino de amor.

Molharam- se de abandono, de vinho
e acharam mãos de ouro com bocas vestidas
para festa.

No leito da rosa do oriente...

Aqui

ninguém morre.” (CALLONI, p. 09, 2000).

Este poema, formado por cinco partes, retoma a antiga história de João e Maria e simboliza a inocência da condição juvenil. Duas crianças, brincando de esconde-esconde – brincadeira propícia para fazer aquilo que não pode ser visto ou mostrado estão em cena; No ato representado, Maria mostra a Rosa do Oriente para João e metaforicamente, seu sexo é desnudo. Com curiosidade natural aos infantes, nus, os corpos se tocam, para que o menino e a menina se conheçam. Com a primeira repetição do título do poema, o corpo de Maria é comparado a uma *charada* e tratado como enigma, algo a ser decifrado, conhecido. No trecho “Cresceram em corpo e tempo, a Maria e o João./ Menarca chorou de Maria e/ uma cigarra disse primeiras coisas com ardência na voz [...] Tinha engenho de ataque entre as pernas,/ o João/” (CALLONI, p. 09, 2000) percebemos que os dois crescem juntos, dividindo brincadeiras e transformações naturais da vida, como a menarca em Maria e a mudança de voz em João.

Com a leitura da quarta parte, percebemos que a brincadeira e os corpos descobertos levam o jovem casal à concretização do amor: “/Deitaram- se os dois./”. É importante notar que nesse conjunto de versos, o poeta retoma a figura do lobisomem e da menina inocente para descrever os amantes que, depois do ato de amor concretizado, invertem os papéis, conforme se lê: “/Deitaram- se os dois/ em cama secreta, o lobisomem/ e a menina/ das flores rubi./ Agora mulher de mil ventres./

Agora homem que/ vira menino de amor./” (CALLONI, p. 10, 2000). E assim, a menina se faz mulher e o lobisomem vira menino apaixonado.

No último conjunto de versos, onde se lê: “/Molharam- se de abandono, de vinho/” (CALLONI, p. 10, 2000), temos a sensação de que o poema apresenta uma passagem de tempo, responsável pela separação dos protagonistas que são “molhados pelo abandono e pelo vinho”. Na passagem do tempo “/ [...] acharam mãos de ouro com bocas vestidas/ para festa./” (CALLONI, p. 10, 2000), o que nos leva à imagem de um possível casamento dos amantes, porém com outras pessoas. Para eles o poeta deixa a lembrança eterna em versos “/ No leito da rosa do oriente.../ Aqui/ ninguém morre./” (CALLONI, p. 10, 2000).

3.4 “A louca de longe”

“Margem carnuda de quarto crescente com
gigantes caninos acordados. Novas línguas.
Boca esgarçada de sal, exata no hálito e fora de
Qualquer aldeia.

... Maria de longe...

Nave de cabelos pretos.
Evoé, Maria de longe!
Perfumes postiços viajam quando você, louca, se
limpa.

A tua seda,
o teu abraço que pede a capela e a faca,
teus produtos de banheiro,
teu fruto de grandes fadigas que carrega memória
de beijos,
tua maquiagem francesa,
teu jeans vermelho,
tua fala de ordem no olhar,
tua alma sem garganta,

o teu apetite,
tuas bocas que falam em curva.

Onde deve ficar o meu olho, louca?
Voz de mau fado e amor,
pescoço que pede roubo, saliva,
unhas fabricadas no inferno,
olho branco se tua postura é cadela,
as mãos banhadas no Eunoé,
o peito do pé beijando areia,
a marca obscena do sol,
o teu nervoso contra o mundo,
manha que não pede passagem,
coxas que rogam tempestade.

Onde deve ficar meu olho, louca?
Tuas mordidas no ar,
tua beleza velhada,
tua troca de pele entre pedras,
tuas tripas que não param de cantar,
teu chacal de estimação,
o teu corvo risonho,
a tua arca de espelhos, colares, anéis, escovas,
a tua boneca de pano,
a tua lágrima de lembrança,
o beijo recebido na testa,
o pedaço de pano que embalava o teu sonho,
a fita no cabelo da infância,
aquele olhar de arma antiga bem inventada.

Onde deve ficar meu olho, louca?
Por Deus! Quero ouvir! Me acorda!
Se tua física é prelúdio de música nova,

se teu hormônio penetra o nariz de Deus,
se tua insígnia é de nobreza
quero tua
carícia me arrebetando em quatro caixas.
Quero meus pedaços construídos em homem
da próxima colheita, e que ainda não foi posto
em uso.

Meu olho tem repertório comum, louca.

Meu sentido é masculino.

Dá- me uma indicação escrita, dá- me um pouco
de vento, uma bigorna, dá- me ferragens, ferro
líquido e fervente, dá me martelo, pedras,
pólvoras, crucifixos, dá- me pão, sal e um lugar
para ficar de joelhos.

Por Deus, ajusta meu olho, louca, escolha a

Minha roupa, e eu irei menos defeituoso ao teu
encontro” (Calloni, p.11- 14, 2000).

O poema “A louca de longe” é dividido por onze partes. Na primeira delas, a descrição de um rosto. Porém, não há nessa descrição a nitidez de uma face límpida. A boca, “/Margem carnuda de quarto crescente com gigantes caninos acordados”/ não revela o rosto ou a nacionalidade Essa mulher pode ser de “qualquer aldeia”. Essa parte ainda é marcada pela sugestão sinestésica do gosto da boca: “/boca esgarçada de sal, exata no hálito” [...]” hálito dessa mulher. Entre a primeira a segunda parte, ficamos sabendo que o poema se refere a Maria, Maria de longe. Mulher-Nave de cabelos pretos, cujo “perfume barato” garante a segunda passagem da sinestesia do poema.

Sua pele é comparada à seda, e assim ao ler os versos do terceiro grupo do poema, é como se tocássemos o corpo dessa Maria, que pode ser qualquer Maria. Quando o eu- lírico descreve seu abraço, no ar, ficam até mesmo os cheiros dos produtos usados no banho dessa mulher. “/ A tua seda, / o teu abraço que pede a capela e a faca,/ teus produtos de banheiro,/”. E na continuidade dos versos que sugerem o toque do corpo da mulher, o órgão sexual de Maria é comparado a uma

espécie de fruto, “/teu fruto de grandes fadigas que carrega memória/ de beijos [...]” (CALLONI, p. 11, 2000). Destacamos do próximo conjunto de versos, a recorrência de sons produzidos pelo fonema /t/, exemplo de uso de aliteração quando se lê: tua, teu, tuas, pronomes possessivos escritos em letra minúscula no início dos versos: “/ tua maquiagem francesa, / teu jeans vermelho, / tua falta de ordem no olhar,/ tua alma sem garganta,/ o teu apetite,/ tuas bocas que falam em curva.” (CALLONI, p. 12, 2000). Por esses versos, o poeta fala de características comuns de sua Maria: a maquiagem barata e o jeans popular e vermelho. Das características físicas vêm uma certa desordem no olhar, o desvendar da alma, descrição agora carregada de conotação sexual: “/tua alma sem garganta,/ o teu apetite,/ tuas bocas que falam em curva.” (CALLONI, p. 12, 2000).

A próxima parte do poema é iniciada com a marca oral do discurso direto quando o poeta pergunta “/Onde deve ficar meu o olho, louca?/” Como resposta a busca se confunde na voz, feita de mau fado e amor, pelo pescoço, pelas unhas, pela posição durante o ato sexual, e até pelo peito do pé, marcando sua caminhada pela areia “/ o peito do pé beijando areia,/ a marca obscena do sol,/ o teu nervoso contra o mundo,/ manha que não pede passagem,/ coxas que rogam tempestade.” (CALLONI, p.12, 2000).

Ao repetir a pergunta pela segunda vez, uma nova busca, agora por caminhos mais subjetivos que vão desde uma singela mordida até a fita no cabelo da infância. Pela terceira vez o poeta se pergunta “/Onde deve ficar o meu olho, louca?/” e ao implorar por uma resposta e rompe uma súplica “/Por Deus! Quero ouvir! Me lembra!/” (CALLONI, p. 13, 2000), revelando que tudo não passava de um sonho. E mais uma vez a súplica continua “/Se tua física é prelúdio de música nova,/ se teu hormônio penetra o nariz de Deus,/ se tua insígnia é de nobreza/ quero tua/ carícias me arrebatando em quatro caixas.” (CALLONI, p. 13, 2000). Na parte final do poema, um verdadeiro deleite de palavras encadeadas, acompanhando a súplica constante, direcionada à louca, diretamente dos seus sentidos masculinos: “/Dá- me uma indicação escrita, dá- me um pouco/ de vento, uma bigorna, dá- me ferragens, ferro/ líquido e fervente, dá- me martelo, pedras,/ pólvoras, crucifixos, dá- me pão, sal e um lugar/ para ficar de joelhos./ Por Deus, ajusta meu olho, louca, escolha a/ minha roupa, e eu irei menos defeituoso ao teu encontro.” (CALLONI, p.14, 2000). Na atmosfera geral do poema, “a louca de longe” é a mulher que se confunde entre a musa

inatingível e a prostituta errante, motivação perfeita para a eroticidade, que segundo Octavio Paz, é:

[...] invenção, variação incessante; o sexo é sempre o mesmo. O protagonista do ato erótico é o sexo ou, mais exatamente, os sexos. O plural é obrigatório porque, incluindo os chamados prazeres solitários, o desejo sexual inventa sempre um parceiro imaginário... ou muitos” (p. 16, 1994).

3.5 “A que mora no escuro”

“Procuro a
de salazes cabelos. Fina ameaça.
A que afaga peso de cachos
oculta por um agudo sorriso.
Estaria ela grudada e vertical na sujeira da
oficina mecânica, ou sua língua pontuda e
promissora
desenha círculos obsecenos no quarto do meu
desejo?

Procuro
A de curva musculosa na coxa,
Da parte posterior da coxa,
Aquele músculo que não vê olhos.
Aquele que da morte me esconde e unta minha
carne com unguentos
mágicos, a celerada, a que acende velas na eterna
puberdade do meu chão.

Estaria ela debruçada em alguma loja
De shoppingcenter provando um
Lançamento de batom,
ou prepara armadilha fácil para o menino
da minha astúcia?

Procuro a
de ancas largas, a que sabe o ângulo certo de
quatro.

Procuro a menina de vestes brancas que
habita o nono círculo do inferno. Aquela que
me engole com boca maldosa, a que me
derrota e me faz ridículo vencedor. Aquela
que geme em matemática espontânea, a que
puxa meu urro, a que faz prece com meu
leite, a que afaga meus olhos de búfalo, a que
me guia por caminhos assimétricos. O lobo
do meu escuro, a que me venta, me anoitece,
me retorna, me reluz e
me reduz a vaga melodia
feérica e
vadia...

Estaria ela vertendo minhas lágrimas,
ou acaricia, com escárnio, o felino de um
terreno baldio?

Quisera eu fazer
arte encantada, desenhos rústicos de pouca
nuvem,
ciranda de pés pequenos,
palavra escovada de memórias,
gesto de ator desmiolado.

Quisera eu fazer
encantamento para ter a que eu procuro
e seguir a dança.
Quisera eu fazer
alquimia torta para encontrar aquela
e acordar para sempre em
florestas de
estranhos perfumes” (CALLONI, p.18, 2000).

No poema “A que mora no escuro” quatro grupos de versos compõe o poema. Estes versos, irregularmente distribuídos estão praticamente desenhados pela folha em branco. Mais uma vez, novamente a temática da nudez e do desejo evocando a mulher.

Logo nos primeiros versos, o eu lírico se enuncia ao afirmar o imperativo - *procuro*, “/Procuro a/ de salazes cabelos. Fina ameaça. / A que afaga peso de cachos/ oculta por um agudo sorriso. / Estaria ela grudada e vertical na sujeira da/ oficina mecânica, ou sua língua pontuda e/ promissora/ desenha círculos obscenos no quarto do meu/ desejo?” (CALLONI, p. 19, 2000) como afirma o poema.

Na segunda parte do poema, a procura é por uma mulher musculosa, de curvas acentuadas, bem diferente das frágeis musas do romantismo: “/Procuro/ a de curva musculosa na coxa, da parte posterior da coxa,/ aquele músculo que não vê olhos./ Aquela que da morte me esconde e unta minha/ carne com unguentos/ mágicos, a celerada, a que acende velas na eterna/ puberdade do meu chão./”. (CALLONI, p. 19-20, 2000). Outras características que afirmam a contemporaneidade do poema estão na sequência dos versos “/Estaria ela debruçada em alguma loja/ de shoppingcenter provando um/ lançamento de batom,/ ou preparar armadilha fácil para o menino/ da minha astúcia?/” (CALLONI, p. 20, 2000). Na sequência do poema, a escolha de palavras muito bem combinadas forma imagens metafóricas que configuram o sexo de forma natural e sem pudor, ato expresso poeticamente por imagens de bom gosto e bom grado. No auge do poema, estrofes exalando desejo:

Procuro a/ de ancas largas, a que sabe o ângulo certo de/ quatro./
Procuro a menina de vestes brancas que/ habita o nono círculo do inferno. Aquela que/ me engole com boca maldosa, a que me/ derrota e me faz ridículo vencedor. Aquela/ que geme em matemática espontânea, a que/ puxa meu urro, a que faz prece com meu leite,/ a que afaga meus olhos de búfalo, a que/ me guia por caminhos assimétricos. O lobo/ do meu escuro, a que venta, me anoitece,/ me retorna, me reluz e/ me reluz a vaga melodia/ feérica e/ vadia.../” (CALLONI, p. 20, 2000)

Ao longo do poema, o eu- lírico procura a mulher real, aquela que o satisfaça e que o faça chegar ao ápice, libertando- se de seus próprios desejos. Na parte final do poema, a busca do poeta muda de foco e ao invés de perseguir a mulher real, sua

procura se volta para o verbo e em um exercício poético o artista escreve em busca do melhor verso.

*/Quisera eu fazer/ arte encantada, desenhos rústicos de pouca/
nuvem,/ ciranda de pés pequenos, palavra escovada de memórias/
gesto de ator desmiolado./ Quisera eu fazer/ encantamento para ter a
que eu procuro/ e seguir a dança./ Quisera eu fazer/ alquimia torta
para encontrar aquela/ e acordar para sempre em/ florestas de/
estranhos perfumes./ (CALLONI, p.21, 2000).*

Assim no mesmo poema, o desejo de um homem, um habitante das grandes cidades, que mesmo rodeado por mulheres se sente só e parte em busca de uma mulher real e por outro lado o menino sonhador, dois lados da poesia contemporânea conforme observa Roland Barthes em:

Ao longo da vida amorosa, as figuras surgem na cabeça do sujeito apaixonado sem nenhuma ordem, porque dependem cada vez de um acaso (interior ou exterior). A cada um desses incidentes (aquele que lhe “cai” sobre a cabeça), de acordo com as carências, as injunções ou os prazeres do seu imaginário. Cada figura explode, vibra sozinha como um som despojado de toda melodia – ou se repete até cansar, como motivo de uma música sempre igual (BARTHES, 1981).

3.6 “O homem permeável à luz”

“Repouso entre as
coxas da mulher e

o homem fica permeável à luz

Apareço em rebento incestuoso
sentindo o cheiro que vem de dentro.

Abraço a coxa carnuda. Ouço ruídos no ventre,
fico excitado de primórdios e

sinto o pecado enrijecer meu corpo
enquanto a lua do início me
ensina a memória dos gatos.

Som longínquo e grosso de mar
me ensina a delatar amor.

Espumosa maré alta,
carne de primeira pérola,

berro ácido de gaivota.

Um querer hirto, musculoso,
passeio por entre as coxas da mulher,
fêmea que me aumenta e me rouba.
Mulher andaluz, de cenho crispado, ritmo
demente.

Fêmea que ruge quando dorme e que me aquece
de pernas, de balsas...

Mulher...

Bicho por encantado defeito
me retorna em homem permeável à luz.

para Ilse” (CALLONI, p. 29,2000).

O poema “O homem permeável à luz” é uma homenagem do poeta Antonio Calloni para sua mulher Ilse Rodrigues Garro. Nele, o eu- lírico adentra espaços muito peculiares do corpo e da alma de sua mulher amada. Em uma atmosfera de paixão pulsante, percorre o corpo feminino e repousa. Segundo PAZ, “O encontro erótico começa com a visão do corpo desejado. Vestido ou desnudo, o corpo é uma presença, uma forma que, por um instante, é todas as formas do mundo”. (PAZ, p. 182, 1994). Na poesia de Calloni, a visão do corpo desejado se transforma em toque, em cheiro, em abraço e tudo ao redor comunga o amor e o desejo do homem entregue à sua mulher. Prestes a finalizar o poema a mulher que ganha o adjetivo de *andaluz* o transforma em *homem permeável à luz* e no jogo poético dos versos os corpos se acendem quando ambos, homem e mulher, agem naturalmente quase na condição animal, conforme se lê:

/Um querer hirto, musculoso,/ passeia por entre as coxas da mulher,
fêmea que me aumenta e me rouba./ Mulher andaluz, de cenho
crispado, ritmo/ demente./ Fêmea que ruge quando dorme e que me
aquece/ de pernas, de balsas.../ Mulher.../ bicho por encantado
defeito/ me retorna em homem permeável à luz./ (CALLONI, p. 30,
2000).

Com esses versos, notamos que o poeta escreve não só com paixão e erotismo, mas escreve com o amor de quem deseja e necessita do outro de corpo e

alma. Em alguns pontos do poema o recurso da zoomorfização se processa, comparando a mulher a um “/berro ácido de gaivota/” a uma “/fêmea que me aumenta e me rouba/” e por um “/bicho por encantado defeito/”. Movido pelo desejo o que prevalece é o instinto:

O amor é atração por uma única pessoa: por um corpo e uma alma. O amor é escolha; o erotismo, aceitação. Sem erotismo – sem forma visível que entra pelos sentidos – não há amor, mas este atravessa o corpo desejado e procura a alma no corpo e, na alma o corpo. A pessoa inteira. (PAZ, p. 34, 1994).

Em “Os infantes de Dezembro” Antonio Calloni apresenta também outras temáticas na composição do livro: assim, os sonhos, as lembranças, as confissões e as dedicações aparecem como recorrência. Calloni reinventa um tipo de poética do erotismo, com metáforas cheias de sutileza e tenta transformar um pouco de sua realidade contemporânea em poesia. Em seus versos, o poeta emprega a simplicidade e especialmente a sensibilidade abordando o erotismo de forma natural, proporcionando leitura poética de melhor qualidade a seus leitores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura brasileira passou por muitas mudanças até chegar no período que chegamos, que o nomeamos por contemporâneo. Assim os movimentos literários ficam mais expressivos de seu tempo.

O poema e a poesia se diferem em conceitos, porém estão ligados de uma certa forma; o poema é o texto, o que está escrito, sua formação, e a poesia por sua vez agrega mais que as palavras, reflete no sentido daquele texto voltado para a emoção, considera o sentimento em que foi escrito, e principalmente está presente no leitor, os seus sentimentos ao ler e interpretar a poesia.

Neste trabalho, os conceitos de poesia e de poema, bem como do contemporâneo foram apresentados, depois de termos traçado algumas características pontuais da lírica contemporânea. A união entre: o poema e a figura feminina como musa inspiradora, na contemporaneidade, resulta na temática do erotismo como possibilidade da poesia.

Dessa forma, o erotismo que ainda é tratado como tabu nessa sociedade contemporânea, é muito bem elaborado pelo poeta Antonio Calloni, que consegue suavizar o tema no jogo de metáforas muito bem construídas.

Na finalização da pesquisa, considerando a biografia de Antonio Calloni, os aspectos da poesia brasileira contemporânea, da lírica moderna e do erotismo na literatura, concluímos o suporte necessário para realizarmos esta breve leitura de “Os infantes de Dezembro”.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios/** Giorgio Agamben; [Tradutor Vinícius Nicastro Honesko]; Chapecó, SC; Argos, 2009.
- BARTHES, Roland. **Fragments de um discurso amoroso/** Roland Barthes, tradução: Hortênsia dos Santos. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981, 2º edição.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira.** 37º Edição; Editora Cultrix, São Paulo, 1994.
- CALLONI, Antonio. **Os infantes de Dezembro.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2000.
- CÂNDIDO, Antônio. **O estudo analítico do poema.** Direitos de publicação da Universidade de São Paulo, 1996.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: o dicionário da Língua Portuguesa/** Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação de edição Marina Baird Ferreira. 8ª Edição; Editora Positivo, Curitiba, 2010.
- FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX/** Tradução do texto por Marini M. Curioni; tradução das poesias por Dora F. da Silva. São Paulo: Duas Cidades; 1978
- LYRA, Pedro. **Conceito de poesia.** Editora Ática S. A; São Paulo, 1986
- MOISÉS, Massaud. **A literatura brasileira através dos textos.** Editora Cultrix; São Paulo, 1978.
- TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda europeia e modernismo brasileiro; apresentação dos principais poemas metalinguísticos, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 a 1972.** 19º ed, revista e ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009
- PAZ, Octavio. **O arco e a lira/** Octavio Paz; tradução de Olga Saravy. 2ª Edição. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1982.
- PAZ, Octávio. **A dupla chama: amor e erotismo/** Octávio Paz; tradução de Wladyr Dupont. Editora Siciliano, São Paulo, 1994.
- SOUZA, Aínda Kuri. **A personagem feminina na literatura brasileira.** Monografia de Pós- Graduação da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Criciúma, 2005.
- BÍBLIA SAGRADA, Editora Paulus, 1991
- Biografia de Antonio Calloni. Disponível em:

<http://www.epipoca.com.br/gente/biografia/431/antonio-calloni>

Acesso em: 24 Set.

Entrevista de Antonio Calloni ao site da Papyrus Editora.

Disponível em: <http://www.antonioalloni.com/>

Acesso em: 26 Set.